



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

# A AVENTURA DOS PARDALICOS

Por ANÃO SABICHÃO

O porsinho de pardalicos encetou a sua viagem, com o Primo Pardalão a servir-lhes de guia.

Passaram campos, matos, pinhais, aldeias e vilas.

Já a pardalica, com as ástas derreadas, ce queixava amargamente, quando avistaram, ao longe, chaminés de fábricas, de onde saía um fumo muito preto.

— E' ali! — exclamou o Pardalão eutusiasnado.

— Reparem na beleza daqueles canudos altísimos!

Voando, entre nuvens de fumaraça e barulhos de ensurdecer, os pardalicos entraram na cidade.

A' hora em que, lá na aldeia, a gente e a bicharada recolhe, ali a vida não parava e as luzes

cram tantas que, estonteada, a pobre pardoca dizia mal à sua vida, saudosa do seu sossego.

— Mais um esforçosinho, para chegarmos ao nosso hotel! Verão a sociedade escolhida que ali encontram! — dizia o Pardalão que voava à frente.

Daí a pouco, viram, em baixo, uma grande balbúrdia de asas que se empurravam, nuns pius-pius, desordeiros.

Era a árvore-hotel, tão anunciada.

Os três paitavam no ar, sem ter sequer uma haste onde pousar.

O Pardalhão, conhecedor do meio, meteu-se entre os outros, e, às bicadas, abriu caminho, conseguindo, assim, arranjar um tronquinho onde se aninhou, chamando para junto d'ele os pardalicos, muito tontos com tanta confusão

Pelos seus cerebrozinhos, passava este pensamento:

— Como poderiam eles dormir, se, na rua, rolavam — *Tlin-tlin-tlin, Pó-pó-pó* — tantas coisas brilhantes, se, à róda d'eles, os companheiros mexiam, batiam, piavam, bulhavam?

Mal tocando com os pés no

(Continua na página 3)

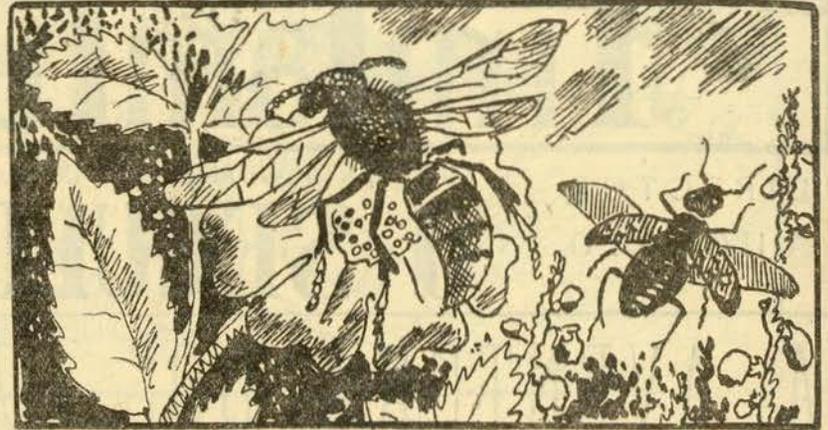


# DIFERENÇAS

Por LAURA CHAVES

**M**ARÇO chegara fagueiro,  
Céu azul, sol prazenteiro.  
Havia na Natureza  
aquela firme certeza,  
depois duma longa espera,  
de que enfim a Primavera  
traria, em seu verde manto,  
toda a seiva ao húmus santo,  
que torna fecundo o solo  
e enche a terra de consólo.  
As árvores inda nuas  
pelas vergastadas cruas  
dos ventos, das invernias,  
sorriam às harmonias  
que cantava branda a arágem  
entre os ramos sem folhagem.  
Algum tronco mais precoce,  
sob essa carícia doce,  
começava a reflorir,  
a despertar, a sorrir...  
As aves, em chilreada,  
aguardando a desejada,  
voavam alegremente.

No tronco duma azinheira,  
velhinha mas altaneira,  
de casca rugosa e feia,  
existia uma colmeia.  
As abelhas, em virtude  
do inverno ter sido rude,  
da muita chuva caída,  
tinham levado má vida.  
Como o tempo estava lindo  
e o sol lá dos céus, sorrindo,  
dava à terra o seu calôr,  
num brando afago de amôr,



houve grande reboliço  
dentro e fóra do cortiço.  
As abelhas, a voar,  
de flôr em flôr, sem poisar,  
êbrias, loucas de alegria,  
com a limpidez do dia,  
tinham reflexos doirados  
nos seus corpinhos alados;  
e êsses corpos tão franzinos  
lembravam sóis pequeninos.  
A transparência era tal  
que parecia que o vale,  
que em baixo se divisava,  
mais e mais se aproximava.  
Sentia-se em todo o ser  
a alegria de viver!

É costume entre as abelhas,  
por tradições muito velhas,  
que a abelha que anda na lida

a tratar da sua vida,  
a abelha trabalhadeira  
seja alegre e cantadeira,  
E' que ao som duma cantiga  
sente-se pouco a fadiga.  
Além de incutir corágem  
inda tem outra vantágem:  
como a abelha o seu labôr,  
é sugar o mel da flôr,  
esta, ao ouvi-la cantar,  
vai-se deixando embalar,  
embevecida, escutando,  
e nem dá que a estão roubando.

Pois nessa linda manhã,  
os insectos, num afan,  
as abelhas imitando,  
foram voando, voando,  
em busca também das flores  
Mas por serem maçadores,  
uns trombudos, malcriados,  
muitíssimo desastrados,  
elas punham-se a chorar  
logo que os viam chegar,  
E foi o que aconteceu:  
armou-se um grande escarcéu  
porque uma vespa melada,  
bastante desafinada,  
poisou, bruta e desabrida,  
numa débil margarida.



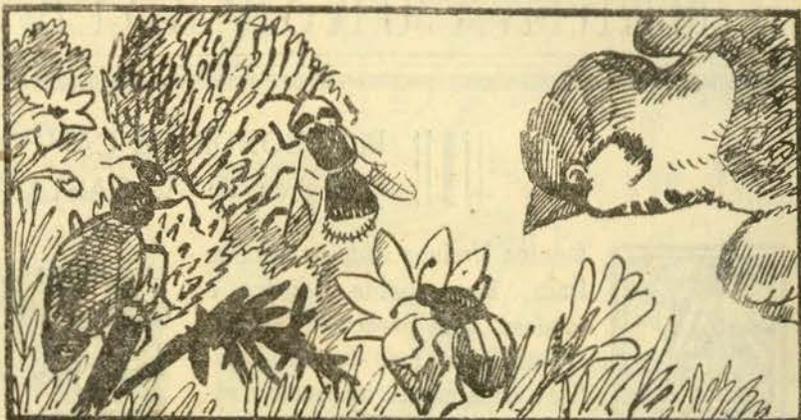
A florinha, derreada  
por tal pêso já vergada,  
pôs-se a gritar, a gritar:

— Quem é que me vem livrar  
desta vespa assim brutal  
que me está a fazer mal!

Mas não era ela sómente  
a queixar-se. Mesmo em frente,  
umas humildes florinhas,  
com vozes muito fininhas,  
soltando uns ais muito aflitos,  
bradavam contra os mosquitos  
que, sem dó, nem mais *aquelas*,  
foram poisar sôbre elas.

Eram tão fortes os ais  
que acudiram os pardais  
e ao conhecerem o assunto  
vendo tanto bicho junto,  
— aquilo foi um regalo,  
um petisquinho de estalo! —  
Tinha de se aproveitar!

Logo aos bichos deu um ar  
e a pardalada que veio  
ficou com o papo cheio.



Emquanto isto se passava  
o enxame, livre, poisava  
ora aqui, ora acolá,  
e a mesma acção, que era má  
quando feita brutalmente,  
era aceite alegremente  
pelas flores despojadas  
que as abelhas, delicadas,  
sempre a cantar, a cantar,  
os seus cantos de embalar,  
sugavam com tal jeitinho,  
chegando a ser um carinho,

um afago, um dôce arroubo,  
o que afinal era um roubo.

E' dever de toda a gente  
ser alegre e ser contente  
e também ser delicada.  
Se fizer uma maldade  
verá a facilidade  
com que é logo perdoada.

■ F I M ■

## A AVENTURA DOS PARDALICOS

(Continuado da pág. 1)

ramo que tremia continuamente, sacudido pela  
passarada, os pobrinhos ficaram-se encolhidos, de  
susto e timidez.

Alta noite, o barulho redobrou.

*Pius*, aflitivos se ouviram, às bateram, umas  
contra as outras, numa doídice de medo!

E' a coruja! O papão dos pardais! — piou o  
Pardalão, aterrorisado.

Uma enorme massa negra pairou sôbre a ár-  
vore, num vôo ameaçador.

Com as perninhas eriçadas, tremendo de pavor,  
os pardalicos viram, de repente, a grande àve de  
rapina abater sôbre um ramo e levar no bico um  
pardal pequenino que piava desesperadamente.

Não tem descrição o que depois se passou!

Entre a folhagem, a passarada tentava fugir,  
numa medonha confusão, enquanto a terrível co-  
ruja, aproveitando a balbúrdia, metia no papo  
todo o pardal que achava a jeito!

Numa dessas arremetidas, chegou a vez do Par-  
dalão, que, ali mesmo, ela devorou, sem dó nem  
piedade, pelos *pius* de dôr que êle soltava!

Agarrado ao seu pardalico, a senhora pardoca,  
num brusco frenesi de energia, esgueirou-se pelo  
tronco abaixo.

Em terra, aos pulinhos, puzeram-se a salvo  
bem longe daquêle lugar maldito.

Quando rompeu a manhã, orientaram-se então.  
Seguindo o norte, foram voando, voando sem-  
pre...

Passaram vilas, aldeias, pinhais e campos, até  
que, lá muito distante, divisaram o telhado da  
casinha pobre, onde haviam deixado o seu ninho.

Só descansaram, ao pôr as patinhas nas telhas  
carcomidas pelo tempo, e suspiraram de felicidade  
ao cheirar, deliciados, o arroz de telhado que as  
cobria!

O sossêgo que, por fim, gozaram no seu ninho  
tão quentinho, não se descreve em palavras, mas  
o que posso assegurar é que nunca mais o senhor  
pardalico abriu o bico, para desdenhar da vida,  
cheia de felicidade que sempre gozou, junto da  
companheira, a pardalica mais sensata do reino  
da passarada!

Esta história é a prova de que nunca devemos  
ambicionar nem invejar o bem dos outros, quando  
temos, ao nosso alcance a felicidade que, às vê-  
zes, se resume em bem pouco!

Quando forem mordidos pela inveja e pela am-  
bição, lembrem-se sempre da aventura dos par-  
dalicos, contada pelo vosso amigo Anão Sabichão.

# A MENINA URSA ESTA' FRAQUINHA

Por LEONOR DE CAMPOS

Desenhos de A. CASTAÑÉ



menina Ursinha andava bastante fraca. Sem apetite, sempre a tossicar, nem parecia a mesma.

Dantes era uma beleza autêntica: Dum pardo amarelado, estatura mediana, dentes fortes e sempre dispostos a trincar, umas garras fortíssimas, era um gôsto olhar para ela. Nos combates que sustentava com os irmãos, os primos e outra bicharada, ninguém a vencia.

Porisso os pais da menina Ursinha tanto se alarmaram quando a viram enfraquecer... enfraquecer... a ponto de quási não poder dar passada.

— «É melhor levá-la ao doutor; não te parece, marido?» — disse uma tarde a senhora Urso.

— «Sim, é melhor. Vamos, lá, amanhã!...»

Na manhã seguinte os três puseram-se em marcha para o consultório do doutor Urso Cinzento. A pobre Ursinha ia amparada aos pais, descansando constantemente, cada vez com menos fôrças para se suster.

O doutor Urso Cinzento recebeu-os logo. Ouviu as queixas da doente, auscultou-a, tomou-lhe o pulso, examinou-lhe a língua e, por fim, diagnosticou:

— «A minha menina está com uma profunda anemia. Aconselho mudança de ares e fortificantes. Tem que comer diariamente duas centenas



de larvas de formigas, 10 litros de mel, uma foca inteira e metade dum carneiro!...»

— «Ai, senhor doutor! — gemeu o pai Urso — Mas, assim, dentro em pouco, estaremos arruinados!...»

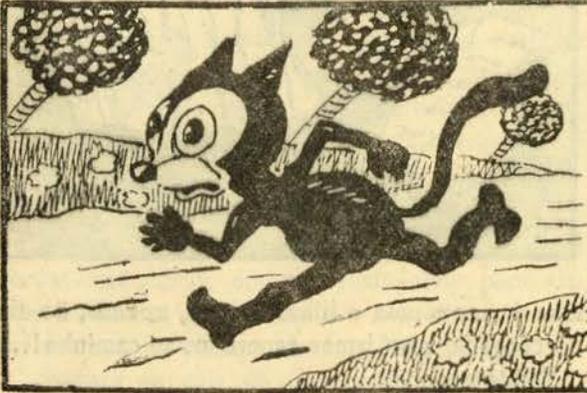
— «Paciência! Em primeiro lugar está a vida dos filhos! Se a sua filha não tiver este regime durante um mês, morrerá! Ora nunca se viu um urso, que se preze, deixar morrer os filhos ao abandono!...»

— «Decreto, doutor. Não é preciso lembrar-me

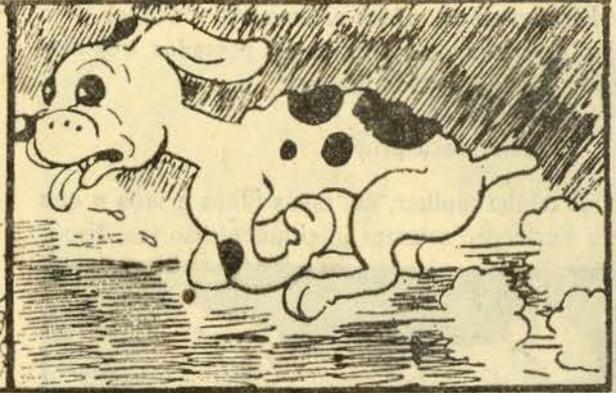




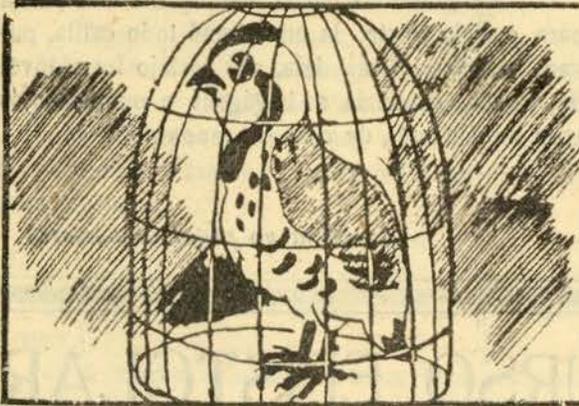
# GATO FÉLIX, O CÃO E A PERDIZ



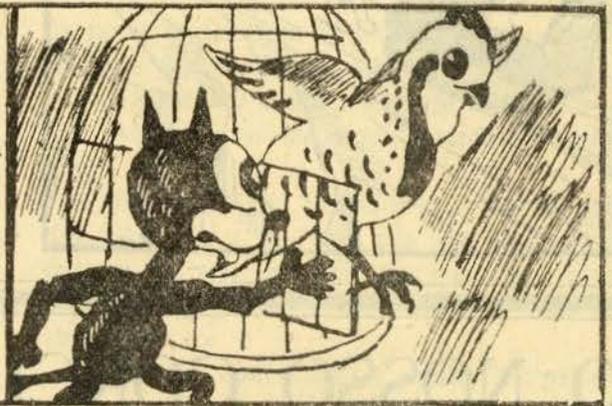
I — Pressentindo um grande p'riço e com grande desespero, Gato Félix diz consigo:  
— «Pernas para que vos quero !!...»



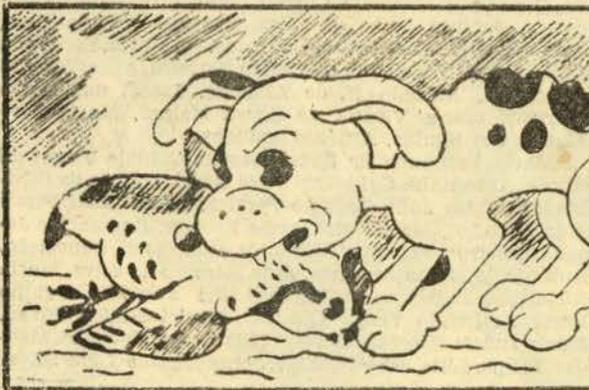
II — Pois Dom Bébéu Cachorrinho, grande inimigo do Gato, surgiu-lhe, a meio caminho, com furór e desacato.



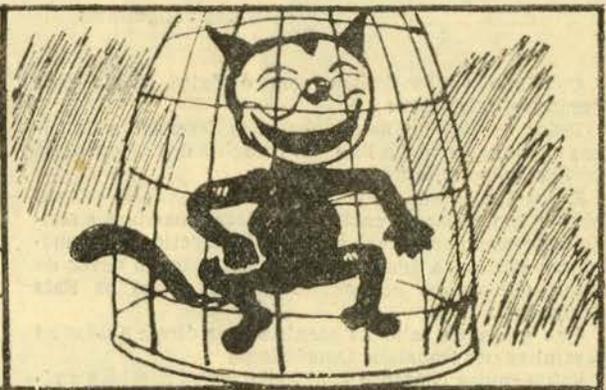
III — Ali perto, uma perdiz, numa gaiola doirada, chorava, muito infeliz por se ver engaiolada.



IV — Gato Félix que inda enxuga o suor, pela corrida, propõe à perdiz a fuga em troca da própria vida.



V — A perdiz, boquiaberta por tal generosidade, ao ver a gaiola aberta, recupera a liberdade.



VI — Liberdade que, entretanto, dura minutos sòmente; pois o Cão surge dum canto, e, ao vê-la, ferra-lhe o dente.

VII — Muita vez — (e eis da lição a bela sabedoria): — a aparente abnegação encobre velhacaria!

## O CESTINHO DA COSTURA

Por ABELHA-MESTRA

ESTE pequeno «napperon» bordado com um ponto cheio e terminado com um «picote» a toda a volta, é, na realidade, um trabalho muito fácil e de certo modo original!

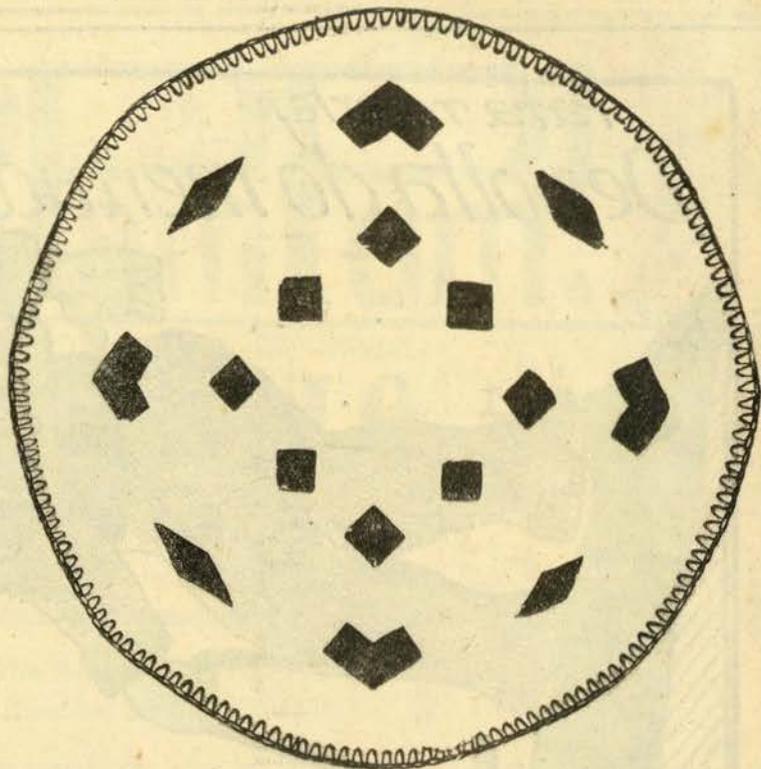
E querem saber como eu arranjei o modelo?

De uma maneira bem simples!

Peguei num quadrado de papel e dobrei-o em 2 partes, depois em 4 e ainda em 8.

Arredondei-lhe os cantos e cortei, então, sobre todas as dobras, pequenos triângulos, com a distância que o meu gosto foi fantasiando! Nada mais!

Por este processo, podem obter mo-



## ADIVINHA



Meus meninos: - Vejam se descobrem o coelho que este cão está vendo.

délos muito curiosos para os vossos bordados. Experimentem!

Passa-se o «napperon» de papel, para o tecido que se quer trabalhar, pondo, entre estes dois, uma folha de papel químico e contornando os triângulos com um lápis, de modo que eles fiquem reproduzidos no pano.

Também, em vez de empregar o ponto cheio para o bordado, podem

apenas cobrir o seu risco com ponto pé de flor ou ponto cadeia.

Para a próxima vez, hei-de apresentar-lhes outra aplicação engraçada dos desenhos em papel recortado e, só depois disso, pode, novamente, atender os pedidos das queridas abelhinhas, a vossa amiguinha

ABELHA MESTRA

## CHARADAS COMBINADAS

+ to - Cobertura  
+ jo - Brinquedo infantil  
Conceito:  
Rio português

+ lo - Estampilha  
+ bo - Canudo  
+ ão - Aerostato  
Conceito:  
Cidade portuguesa

+ to - Sábio  
+ to - Rasgado  
Conceito:  
Rio português

+ la - Gôma  
+ an - Metal magnetizado  
+ ga - Cidade  
Conceito:  
Cidade portuguesa

+ po - Batráquio  
+ ca - Cais  
Conceito:  
Rio português

+ to - Cama  
+ ta - Nome próprio  
+ la - Fila  
Conceito:  
Cidade portuguesa

## LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha um menino a tocar «Jazz»

Para recortar  
De volta do mercado.



Colar em  
cartolina  
recortar e  
colar.

Num retan-  
gulo de ma-  
deira quesir-  
va de base, fa-  
zer uma ran-  
hura e me-  
ter o espa-  
co 3.